

À NATUREZA

SÊNECA, *Fedra*, 959-988

Ó Natureza, grande mãe dos deuses,
e tu, que és o senhor do ardente Olimpo, 960
que rápido conduzes os astros errantes,
no céu, bem como o curso vago das estrelas,
e que num eixo veloz giras os pólos,
por que tanto cuidado em manobrar
as vias eternas dos altos espaços, 965
de tal forma que ora o frio do branco inverno
desnuda as florestas, ora as sombras
retornam aos arbustos, ora a juba
do leão estival queima os presentes de Ceres
com seu grande ardor, ora o ciclo do ano 970
modera sua força? Por que tu,
que reges coisas tão grandiosas, sob cujo poder
as massas do vasto céu, equilibradas,
descrevem suas órbitas, por que, tranqüilo em excesso,
te afastas dos homens, sem te preocupares 975
em compensar os bons e castigar os maus?
As coisas humanas, sem nenhuma ordem,
a Fortuna as rege, distribuindo seus presentes
com mão cega, favorecendo quem é pior;
a sinistra devassidão vence os virtuosos; 980
as fraudes reinam no palácio altivo;
o povo se contenta em dar mandatos aos torpes,
cultuando e odiando as mesmas pessoas.
A triste virtude, como prêmio de sua retidão,
recebe punições; a dura pobreza acompanha 985
os honestos; o adúltero, revigorado pelo vício,
reina poderoso! Oh! inutilidade do pudor!
Oh! falsidade das gloriosas honrarias!

ZELIA DE ALMEIDA CARDOSO*
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo

NOTA

- * Professora Doutora de Língua e Literatura Latina do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP.